

setecidades

Inclui Cultura&Lazer



Aldeias do pós-balsa recebem treino para a produção de mel

Projeto da associação Ecolmeia visa que comunidades indígenas aprendam a atrair abelhas sem ferrão para consumir e vender a produção

BEATRIZ MIRELLE

beatrizmirelle@dgaabc.com.br

As aldeias Brilho do Sol, Guyrapaju e Krukutu, localizadas no pós-Balsa de São Bernardo e no entorno da Represa Billings, foram contempladas a participar do projeto Colmeias Urbanas, promovido pela ONG (Organização Não Governamental) Ecolmeia. A iniciativa visa instalar caixas de madeira com spray feito de própolis e álcool para que os moradores consigam atrair abelhas jataí (sem ferrão), reconhecidas por serem doces e de fácil manejo.

Além dos benefícios sustentáveis, os objetivos da nova produção de mel são gerar mais uma possibilidade de alimentação para as comunidades e prover uma nova fonte de renda com esse recurso. A atividade envolve, no total, 116 famílias.

A fundadora e diretora-executiva da Ecolmeia, Elaine Santos, explica que esse é um trabalho socioambiental, com estudo de espécies nativas para implementação de meliponário (coleção de colmeias de abelhas sem ferrão). Cada aldeia recebeu inicialmente duas caixas. A ampliação acontecerá a partir do interesse dos moradores e da análise da ONG mediante a habilidade e resultados das comunidades nos cultivos da jataí. A expectativa é que os primeiros enxames comecem em outubro.

“O mel de jataí é um dos mais valiosos, porque ele é produzido em pouca quantidade. A Ecolmeia é uma organização de São Bernardo fundada em 2009 e tem vários projetos. A Basf abriu o edital Conectar para Transformar para 2024 e



Fotos: Denis Maciel

ALIMENTO, RENDA E SUSTENTABILIDADE.

Implementação de colmeias 'artificiais' para atrair abelhas sem ferrão contempla 116 famílias das aldeias Brilho do Sol, Guyrapaju e Krukutu, localizadas no pós-Balsa de São Bernardo e no entorno da Represa Billings

apresentamos essa ação. Com a aprovação, algumas pessoas passaram por cursos para aprender como instalar as caixas e ensinar os indígenas.”

De acordo com ela, a ONG leva um oficinairo para a aldeia e fornece madeira serrada para montar as caixas. Depois, os moradores treinam como criar o spray atrativo. “É como se fosse um perfume para chamar essas abelhas. Como elas gostam de calor, esperamos atrair mais a partir do mês que vem. Ao todo, seis já foram montadas.”

DISSEMINADORES

Ivani Reimi Koyam Souza, fundadora da Apinan (Associação Protetora: Indígenas, Natureza, Animais e Necessitados), é uma das pessoas que recebe-

ram capacitação para lidar com o meliponário.

“Agora, com a chegada da primavera, teremos mais flores e conseguiremos capturar as abelhas sem ferrão. Na Brilho do Sol, eles já tinham um tronco com uma colmeia de jataí. Então, o processo está mais avançado, porque conseguiremos transferir algumas para uma caixinha. A princípio, é para ajudar o meio ambiente e ser usado para consumo próprio. Futuramente, eles podem vender esse mel para outros lugares.”

Ivani detalha que o projeto contempla 18 famílias da Brilho do Sol, 28 da Guyrapaju e 70 da Krukutu. “Faz oito anos que nós, da Apinan, trabalhamos com as aldeias indígenas. Já implementamos minho-

cário, conseguimos fornecer mudas e doações de alimentos e rações. Quando soube do projeto das abelhas sem ferrão me interessei muito. Acho que foi uma coisa espiritual. Terminei as aulas em junho e começamos a trazer as caixas em agosto. Estou animada para ver os resultados.”

Segundo a Basf, que financia o projeto, as oficinas incluíram a preparação de alimentação para as abelhas, “com bombons nutritivos de pólen para reforço alimentar durante o frio e ensinamentos sobre a montagem de iscas para captura de abelhas sem ferrão”.

IMPRESSÕES

José Karáí, 51 anos, é responsável pelo cuidado das abelhas com e sem ferrão na aldeia Brilho do Sol. “Estou esperando juntar mais favos das jataís. Não sei quanto tempo vai demorar. Estamos fazendo com calma. Se estiver chovendo muito, por exemplo, elas trabalham pouco.”

Para o pajé Laurindo Tupã Mirim, 76, da Brilho do Sol, essa oportunidade veio em boa hora. “Vão nos dar orientação e vamos aprender a lidar melhor com elas. Eu nunca criei abelhas, mas já vi muita gente fazer. Eu tinha um tio que possuía 400 cascos de abelha. Depois que ele morreu, essa tradição de cuidar de várias acabou. Aqui é um ótimo lugar para isso, porque deixamos as caixas na sombra e esses bichinhos gostam de ser criados no meio do mato. Vai ser bom.”

Na Guyrapaju, o cacique Gil-

mar Nhamandu, 35, destaca o poder medicinal do mel ao comentar sobre o projeto.

“A gente já improvisava com alguns materiais, como tábuas, para atrair abelhas. Possuímos alguns conhecimentos medicinais e sabemos que o mel ajuda na tosse. Também temos bastante limão aqui. Então, se não for pneumonia, bronquite, conseguimos juntar e fazer chá para quem mais precisa. O mel produzido naturalmente é bem melhor do que aquele encontrado no mercado”, diz. “No momento, estamos só na experiência para juntar o nosso conhecimento indígena com ‘juruá’, que a gente fala que é o ‘não-indígena’. Unir os dois faz com que possamos produzir as coisas com mais facilidade.”

DOAÇÕES

Três municípios da região tiveram 107 transplantes de córnea em 2023

Maioria dos procedimentos aconteceu em Santo André, com 62 casos

Três cidades são responsáveis por transplantes de córnea no Grande ABC. Em 2023, o trio registrou 107 procedimentos, a maioria em Santo André (62), seguida por São Caetano (42) e Diadema (três), de acordo com dados do SNT (Sistema Nacional de Transplantes) do Ministério da Saúde, cedidos ao **Diário**. Ao todo, no ano passado fo-

ram 5.664 cirurgias deste tipo no Estado e 16.028 no Brasil.

A região não teve transplantes de órgãos sólidos, mas em São Paulo foram 2.955 e 9.256 no País, com maiores demandas por rim e fígado. Agora, a fila de espera por transplantes tem 21.531 pessoas.

“Nós temos os doadores em vida, que podem ser parentes até quarto grau ou cônjuges,

que podem doar um rim, um lóbulo do pulmão, que são coisas que podem ser doadas em vida. E nós temos as doações de pessoas falecidas, mas a família tem de autorizar”, diz Carmen Santos, coordenadora da Atenção Especializada no Ministério da Saúde, em nota.

Apesar de ainda ser um desafio, o SNT mostra que a negativa da família para realização

da doação de órgãos tem diminuído. Em 2014, a porcentagem era de 44,2% (das 1.619 entrevistas, 716 não seguiram com o procedimento). No ano passado, o dado foi de 35,6% (sendo 669 negativas em 1.879 entrevistas).

Para reverter esse cenário, o CNJ (Conselho Nacional de Justiça) e o Cartório Notarial do Brasil lançaram a AEDO (Autorização Eletrônica de Doação de Órgãos) em abril. O indivíduo que quiser formalizar a vontade de ser doador pode solicitar a documentação pelo site www.aedo.org.br. No Estado, 1.747 pessoas já têm esse recurso.



André Henriques

BM SETEMBRO VERDE. Campanhas almejam aumentar transplantes

O CLUBE Tá ON!

CLUBE ASSINANTE

os 3 primeiros assinantes que ligarem hoje à partir das 11h

4435-8020

GANHARÃO um par DE INGRESSOS

Benefícios e vantagens exclusivas para os assinantes do jornal

DIÁRIO DO GRANDE ABC

Sete cidades, um só jornal

Confira a lista de contemplados na edição do dia **01/10/2024**. Os ingressos podem ser retirados de 2ª a 6ª das 8h às 17h até o dia **04/10/2024**. Os ganhadores poderão retirar os convites na sede do Diário do Grande ABC. Rua Catequese, 562 - Centro - Santo André. Horário de atendimento: de 2ª a 6ª das 8h às 17h.

04 DE OUTUBRO
SEXTA
SERTÃO NA CASA BRANCA
QUEM DIRIA
ANDRÉ SMITH